

A atualidade do antropofagismo

Maria Helena Charro

“La máquina antropófaga es una máquina (maquinofagia) que desestabiliza desde la espacialidade de los márgenes y el afuera la cultura substantiva y con mayúscula.”

Victor S Echeto y Rodrigo Browne Sartori

Deixemos de lado a coleção de teorias da comunicação, muitas vezes apresentadas de formas enfadonhas, áridas e uniformes, bem ao gosto daqueles que não exercitam pensamento e criatividade.

Ao sabor de provocações e movimentos de resistência à redução dos estudos da comunicação muitas vezes relacionados a modelos lineares, tecnologias de informação e seus gadgets, há pesquisadores do campo comunicacional que eliminam fronteiras entre disciplinas enriquecendo e exercitando o debate e reflexões sobre as origens ontogenéticas e filogenéticas da comunicação e da cultura, além de buscar transversalidades nas artes, filosofia, literatura e na antropologia.

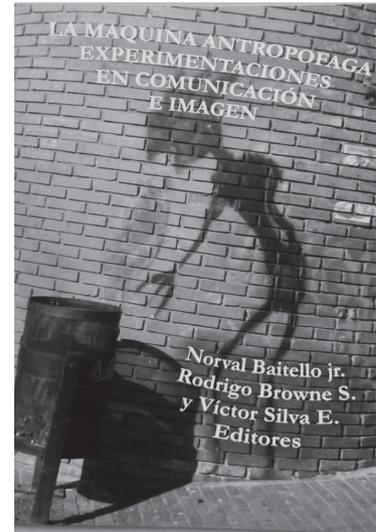
Alguns desses pesquisadores estão na obra *La Máquina antropófaga – experimentaciones en Comunicación e Imagem*, lançada no início de abril deste ano, na Universidade de Playa Ancha, Chile. A publicação, com 161 páginas, faz parte da Coleção *Comunicaciones Nómades*, da editora Arcibel de Sevilha, Espanha, traz, logo na primeira página, o compromisso de entrar nos labirintos do conhecimento para apresentar ensaios sobre Comunicação e Cultura.

Nessa obra em particular, existe, entre os onze autores, um pensamento movente de rebeldia e de transgressão para a investigação da Comunicação e da Cultura, invocando-se escritos e obras de Vilém Flusser sobre imagem e fotografia, a subserviência às máqui-

La maquina antropófaga: experimentaciones em comunicación e imagen

Norval Baitello Jr.
Rodrigo B. Sartori
Victor S. Echeto

Valencia
Arcibel Editores, 2013. 161 p.



nas regrado e uniformizando a cultura, o movimento antropofágico brasileiro e seus desdobramentos para outras gulas neovanguardistas, até culminar na máquina antropófaga. Da orgânica e fecunda relação entre os artigos e seus autores há o gérmen de uma teoria da comunicação como teoria crítica da cultura. E este é, segundo os editores, a natureza central desse projeto de pesquisa, condensado no livro *La máquina antropófaga*.

Como um lema, um mote para apresentar os autores da obra *La Máquina Antropófaga*, recorro ao artigo de José Eugenio de Menezes (p. 73-80) sobre escritos de Vilém Flusser a respeito de conversações. Conversações entre Flusser e seus interlocutores brasileiros e estrangeiros, tendo como cenário o terraço de sua casa no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Ao redor dos anos sessenta, Flusser, o eterno migrante, reservava os finais de semana para transformar seu terraço em palco de acaloradas conversações, diálogos e debates, formando espontaneamente aqui e ali pequenos e grandes grupos onde surgiam os

mais ousados e criativos pensamentos, além do esperado engajamento político que o momento social e cultural do país exigia, conforme relato de Menezes.

O livro *La máquina antropófaga* guarda similitudes com as vozes soantes do alvoroçado terraço de Flusser. Os autores perambularam entre países e regiões, investigaram, fuçaram arquivos esquecidos e os pleitearam para torná-los públicos. Apresentaram suas propostas em discussões, seminários, diálogos, trocaram enfim conhecimento, e o ambiente final dessas conversações é o concreto do papel, em que os autores, escrevendo cada um na sua língua mais próxima e familiar, geraram uma obra trilingue: espanhol, português e inglês, sem traduções. A obra está dividida em duas partes, além do “intermédio” e o epílogo.

Na primeira parte, intitulada *De los antropófagos paulistas al devorar culturas de Vilém Flusser*, a tônica da antropofagia se desdobra: de um lado as máquinas devoradoras e de outro o movimento antropofágico brasileiro que contém em si mesmo o guerreiro que devora o inimigo, ideia extraída de conceito de canibalismo ritual, conforme Baitello Jr, às páginas 40: “A atitude canibal ou antropófaga é a manifestação de uma força primitiva que recusa com veemência a passividade e a acomodação bem comportadas”. A primeira parte investiga inclusive os movimentos da arte europeia, o barroco e seu antiesteticismo no Brasil, e a atual castração da arte e da cultura com a chegada de gestores, administradores e fundos de fomento, de acordo com Victor Echeto. Há ainda artigo sobre a Bienal em São Paulo como local de afirmação da arte brasileira; a ideia de Vilém Flusser sobre o “funcionário” programado pelo programa das máquinas, este último apresentado no artigo de Baitello Jr. Há a presença de aranhas, vampiros e amebas e suas lendas sobre devoração e digestão; e a reflexão sobre as políticas do comer e o que se passa com o intestino. Os textos, entrelaçados, nos convidam a citar nominalmente cada um de

seus autores na mesma ordem de aparição. São eles: Victor Echeto, Rodrigo B. Sartori, Vinicius Spricigo, Norval Baitello, Rainer Guldin, Eugenio Menezes e Valentina Bulo.

No “intermédio”, a partir da página 93, outra surpresa. O antropólogo Juan Carlos Olivares, da Universidad Austral de Chile, apresenta uma crônica descritiva de sua viagem e iniciação sagrada na Sociedade Mapuche – Williche, do sul do Chile. Vale a pena conferir o trecho inicial desse nomadismo poético, considerado pelo autor como convivência pós-moderna: “Esse dolor le desgarró el imaginário, errar en la inmensidad de la vida, el plumerio de la sangre & el ojo de vidrio azul, su nombre & su aliento, la olorosa. Los espejismos sobre el asfalto son los fantasmas de nuestra memoria. Antropólogo *on the road...*”

A segunda parte, intitulada *De la Antropo a La ontofagia. Devorando las Artes, la Filosofía y la Comunicación*, contém mais quatro artigos dos seguintes autores: Álvaro Cuadra, Malena Segura Contrera, Carolina Norambuena y Mauricio Mancilla e Ricardo Viscardi. Ali, utilizando citações das mais diversificadas áreas do conhecimento, os autores refletem e levantam questões sobre as imagens, como o artigo de Malena Segura Contrera sobre o paradoxo entre violência e sedação do olhar, trazendo a consequente transformação da função do jornalismo hoje. Há artigo sobre o *homo sapiens* metamorfoseado em *homo videns*, o grande olho, além de estudo ensaístico filosófico entre homens e máquinas, e a concepção das tecnologias da informação como poder de dominação e controle do outro.

Ao final, no epílogo, os organizadores apresentam um texto integral de Vilém Flusser sobre a gula e os famintos, seus pecados e perversões, publicado no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1963.

Um convite à leitura desta obra múltipla e diversa.

Maria Helena Charro é mestra em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero.